



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

IVANA RAFAEL ISIDRO SANTOS

**RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO: E-BOOK MULHERES EM PAUTA –
PERFIS DE PROFISSIONAIS DO TELEJORNALISMO EM CAMPINA GRANDE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

IVANA RAFAEL ISIDRO SANTOS

**RELATÓRIO DE PRODUTO MUDIÁTICO: E-BOOK MULHERES EM PAUTA –
PERFIS DE PROFISSIONAIS DO TELEJORNALISMO EM CAMPINA GRANDE**

Relatório de produto midiático (e-book) apresentado ao Curso Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof^a Ma. Rackel Cardoso Santos Guimarães

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Ivana Rafael Isidro.
Relatório de produto midiático: e-book mulheres em pauta -
perfis de profissionais do telejornalismo em Campina Grande.
[manuscrito] / Ivana Rafael Isidro Santos. - 2023.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas, 2023.
"Orientação : Profa. Ma. Rachel Cardoso Santos
Guimarães , Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "
1. E-book. 2. Telejornalismo. 3. Jornalismo. 4. Campina
Grande. I. Título

21. ed. CDD 070.195


IVANA RAFAEL ISIDRO SANTOS

**RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO: E-BOOK MULHERES EM PAUTA –
PERFIS DE PROFISSIONAIS DO TELEJORNALISMO EM CAMPINA GRANDE**


Relatório de produto midiático (e-book) apresentado ao Curso Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Aprovado em: 30/06/2023.

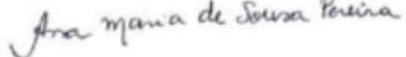
BANCA EXAMINADORA



Profª. Ma. Rackel Cardoso Santos Guimarães (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Ma. Ana Maria de Sousa Pereira
Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos (Cesrei)

A minha mãe, por todo companheirismo e incentivo, dedico.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente, por ter me dado força e coragem para continuar persistindo em tantos momentos durante a graduação.

Aos meus pais Ildete e Joseildo, por sempre investirem na minha educação e por estarem ao meu lado em mais um momento importante.

Aos meus irmãos Iordan e Jordana, que sempre me incentivaram e celebraram comigo cada conquista importante durante esse percurso.

A todos os mestres que contribuíram para minha formação pessoal e profissional durante esses quatro anos na academia, vocês foram fundamentais na construção da profissional que me tornei e pretendo levar para o resto da minha vida todos os ensinamentos

A minha orientadora Rackel Cardoso, por todo apoio e contribuição na construção desse projeto de TCC e por sempre acreditar na capacidade dos alunos quando nós mesmos não acreditamos.

As minhas entrevistadas Luciellen Lima, Waléria Assunção, Pollyane Mendes, Lídice Pegado, Michele Wadja, Samara Fernandes, Izabel Rodrigues e Sandra Paula Amorim por terem compartilhado comigo suas histórias de vida, abertos suas casas e ambientes de trabalho para que eu pudesse conhecer mais sobre cada uma delas.

Aos meus amigos e colegas de curso Arthur Albuquerque, Danielle Régis, Katariny Steffani e Vitória Félix pela parceria firmada e por todo apoio nos anos na universidade e fora dela.

A Eduardo Gomes, colega e amigo do curso, que esteve presente ao meu lado desde a escrita da primeira linha desse projeto de TCC me auxiliando na construção e desenvolvimento.

Aos meus amigos Marcos Rodrigo e Talita Araújo, que me acompanharam desde a graduação em história, dando apoio e me ajudando a conquistar meus sonhos.

As minhas amigas e irmãs Ana Carolina, Ana Rosa, Carine, Flávia, Kamylla, Maria Eduarda, Rosiene e Renata por todo apoio e companheirismo nos momentos mais difíceis e por sempre compartilharem momentos importantes comigo.

Ao meu amigo e irmão em Cristo Edson Souza, por estar ao meu lado em tantos momentos importantes e celebrar cada conquista como se fosse dele.

À todos, meu muito obrigada!

“A verdadeira coragem é ir atrás de seu sonho mesmo quando todos dizem que ele é impossível.”

Cora Coralina

RESUMO

Com o crescente empoderamento feminino, as mulheres conquistam cada vez mais espaços na sociedade e afirmam que seus lugares é onde quiserem estar. Através da realização de entrevistas, o e-book intitulado “Mulheres em Pauta”, conta histórias e experiências de mulheres jornalistas nas televisões de Campina Grande. Os textos foram produzidos em formato de perfis e tem como entrevistadas 8 profissionais do telejornalismo, entre elas estão âncoras, repórteres, produtoras e editoras que se empenham diariamente para noticiar aos telespectadores. O produto editorial também tem como objetivo reforçar a importância delas na construção do telejornalismo de Campina Grande, passando por vários momentos da história, a mudança do analógico até a chegada da TV digital, o uso das redes sociais e as mudanças que a tecnologia e a internet trouxeram para o processo de criação dos telejornais, além de mostrar que como elas podem inspirar outras mulheres e estudantes de jornalismo. Como resultado da produção realizada do mês de Abril de 2022 até Maio de 2023, tivemos a escrita do e-book Mulheres em Pauta: perfis de profissionais do telejornalismo de Campina Grande.

Palavras-Chave: e-book, telejornalismo, jornalistas, Campina Grande.

ABSTRACT

With the growing female empowerment, women conquer more and more spaces in society and claim that their place is wherever they want to be. Through interviews, the e-book entitled “Mulheres em Pauta” tells stories and experiences of women journalists on television in Campina Grande. The texts were produced in the form of profiles and interviewed 8 telejournalism professionals, among them are anchors, reporters, producers and editors who make a daily effort to provide news to viewers. The editorial product also aims to reinforce their importance in the construction of television journalism in Campina Grande, going through various moments in history, the change from analogue to the arrival of digital TV, the use of social networks and the changes that technology and internet brought to the process of creating newscasts, in addition to showing how they can inspire other women and journalism students. As a result of the production carried out from April 2022 to May 2023, we had the writing of the e-book Mulheres em Pauta: profiles of telejournalism professionals in Campina Grande.

Keywords: e-book, telejournalism, journalists, Campina Grande.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1	O gênero em questão.....	14
2.2	A entrevista de perfil	16
3	METODOLOGIA	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS	21
	APÊNDICES	24

1 INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero nos mostram que, por fatores multidimensionais, as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho tardiamente, sendo submetidas a trabalhos exaustivos e, muitas vezes, com uma remuneração precária. Diante de uma luta histórica pela independência e pela equidade de gênero, as mulheres têm conseguido, ainda que com fortes entraves socioculturais, adentrar em espaços anteriormente ocupados apenas por homens e assumir cargos de gestão e liderança em áreas como o telejornalismo.

Diante dessas questões, apresentamos um e-book, desenvolvido como um produto midiático de conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ele conta histórias de mulheres jornalistas que atuam ou já atuaram no município de Campina Grande-PB, através de perfis jornalísticos, que narraram as suas trajetórias na frente e por trás das câmeras.

O texto em perfil é um gênero jornalístico, cuja narrativa consiste no compartilhamento dos momentos e da história de alguém. Segundo Sodré e Ferrari (1986) o perfil tem como foco a pessoa, seja uma celebridade ou uma pessoa popular, mas tem como principal intuito narrar o protagonismo do entrevistado ou entrevistada.

A partir da produção dos perfis jornalísticos compilados em um e-book, adentramos na vida profissional de mulheres que têm papéis fundamentais na construção do telejornalismo. Cada entrevistada, seja nos bastidores ou na reportagem, se mostra como inspiração para outras mulheres e são exemplos de determinação e força de vontade. O fato dessas mulheres estarem ocupando espaços jornalísticos diversos suscita outras profissionais e estudantes da área conquistarem, também, seus espaços.

Por vivemos em uma sociedade culturalmente machista e heteronormativa¹, ainda é corriqueira a presença, em maior número, de homens cisgênero² jornalistas nas bancadas dos telejornais, como também na cobertura esportiva. Este processo se mostra como elemento que toma nossas competências questionadas por serem mulheres, mas mesmo com as adversidades, aos poucos esses espaços foram sendo ocupados por elas. Diante disso, se fez necessário retratar a história profissional destas jornalistas buscando explorar os espaços que cada uma delas conquistou, o caminho trilhado por elas movendo os perfis como objeto inspiração para tantas outras mulheres.

¹ De acordo com De Carvalho, De Andrade e Junqueira (2005) entende-se a heteronormatividade como um conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidos de heterossexualidade como única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual.

² Termo usado para designar pessoas que se identificam com o gênero (masculino ou feminino) que lhes foi atribuído ao nascer, conforme explica De Carvalho, De Andrade e Junqueira (2005).

O e-book apresenta-se em conteúdo acessível que desmistifica a ideia de que o lugar de mulher está nas funções relegadas exclusivamente ao lar, subalternizadas ao masculino, submissas às desigualdades ou incapazes de formar opinião. Na Paraíba, jornalistas se destacam desempenhando com maestria suas funções e superando muitos desafios no telejornalismo. Apesar de muitas vivenciarem a jornada tripla (trabalho, serviços de casa e criação de filhos), mostram que são capazes de ocupar os cargos que lhe são atribuídos. Neste contexto, tomamos como problema desta pesquisa: qual o papel e a importância das mulheres no telejornalismo de Campina Grande?

Em busca de respostas, este e-book traz 8 perfis jornalísticos. Este produto midiático enfoca na atuação e no protagonismo feminino destas profissionais nas redações paraibanas. Assim, através de uma pesquisa exploratória produção jornalística, analisamos a participação das mulheres nas redações e telejornais das três maiores emissoras de Campina Grande: TV Paraíba (afiliada Globo), TV Borborema (afiliada do SBT) e Rede Ita (afiliada da Cultura).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Marcado como um momento histórico e único, a chegada da televisão ao Brasil na década de 50 revolucionou a maneira de se comunicar. Trazida pelo jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, a televisão surgiu 1950 como sinônimo de avanço, modernidade e transformação para a sociedade (MELLO, 2009). Com poucos aparatos tecnológicos, as transmissões eram realizadas em preto e branco.

Por se tratar um produto de alto custo para a população em geral, a inserção da televisão na sociedade reforçou a desigualdade social e apenas os cidadãos mais favorecidos conseguiam comprar. Por necessitar de patrocínios, os conteúdos produzidos eram direcionados a alta sociedade que exerciam poder aquisitivo e político. Segundo Ramonet (1999, p.26-27), o surgimento da televisão se destacou não apenas como um meio de diversão e lazer, mas como a primeira fonte de informação para a população:

Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, pelo sinal de satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz. Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta ideia básica: só o visível merece informação, o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (RAMONET, 1996, p.26-27)

A história da televisão analógica passou por diversas mudanças, não só por causa dos aparatos tecnológicos, para melhorias da TV enquanto veículo de comunicação, mas também para a área do telejornalismo, com mudanças no modo de produzir, editar e publicar o jornal. Segundo Luciellen Lima (2015), até a década de 80 as redações dos telejornais vivenciavam a realidade do analógico, tendo a máquina de escrever como fiel amigo e o barulho das teclas como trilha sonora para construção da notícia. Com a chegada do *videotape*³ e a inserção do *teleprompter*⁴, as produções tiveram mais flexibilidade e os apresentadores passaram a ter um contato mais íntimo com os telespectadores com a ajuda do *teleprompter* (BISTANE, BARCELAR, 2005).

Diante dos avanços tecnológicos e do surgimento da internet, a televisão precisou se adaptar e acompanhar as transformações digitais. Uma das transformações foi a troca da fita pelo cartão de memória, a diminuição dos tamanhos e da quantidade de aparatos tecnológicos, a inserção dos computadores e smartphones nas redações (LIMA,2015). Além das transformações nas produções jornalísticas, houve a mudança na transmissão com a melhora na qualidade da imagem e do sinal, assim a televisão digital também surgiu como forma de interação entre os apresentadores e telespectadores (MIRANDA, RIOS, 2011).

Com a inserção das mídias digitais na área do telejornalismo, ele também passou a ter um telespectador mais ativo. Segundo Henry Jenkins (2008), essa ação representa uma nova conjuntura social intitulada de Cultura da Convergência onde há uma transformação cultural em que as pessoas são incentivadas a consumirem determinado conteúdo, ir em busca de novas informações e fazerem novas conexões. Diante disso, surge uma narrativa transmidiática onde a informação é produzida e transmitida para diversas plataformas (MIRANDA, RIOS, 2011).

Nesse ínterim, a história da televisão se funde com o início do telejornalismo, sendo marcado por sua primeira transmissão em setembro de 1950. Intitulado “Imagens do dia” na TV Tupi, o primeiro telejornal era comandado pelo jornalista Maurício Loureiro e diferentemente dos telejornais atuais, não tinha um tempo pré-estabelecido para acabar. Segundo Piccinin (2008), ao serem pensados os telejornais sofreram muita influência de fora do país sendo construídos com uma estrutura mais americanizada.

Um grande exemplo dessa influência, que se perpetua até os dias atuais, é o Jornal Nacional (JN), veiculado pela Rede Globo de Comunicação. Iniciado na década de 60, o JN

³ Fita de material plástico cobertas por partículas magnéticas usadas para o registro analógico de imagem e som (LIMA,2015).

⁴ Equipamento acoplado às câmeras que exhibe o texto a ser lido pelo telespectador (LIMA,2015).

foi o primeiro telejornal a ser exibido de norte a sul do país seguindo a linha dos telejornais americanos, sendo apresentado inicialmente apenas por homens na bancada e com um padrão de telejornais mais formais. No período inicial de exibição do telejornal, o programa jornalístico foi impulsionado pelo Governo Militar (1964-1985) que controlava os conteúdos que eram noticiados (MELLO, 2009).

Como um telejornal de grande alcance, o JN se tornou referência para os outros telejornais e profissionais da área do telejornalismo. Mesmo sendo categorizado como um telejornal de destaque, só teve a participação de uma mulher na apresentação na década de 1990, com a jornalista Valéria Monteiro na bancada (MELLO, 2009). Atualmente, observamos uma quebra no padrão inicial do telejornal tendo uma crescente participação de mulheres na bancada, nas reportagens de rua e abordando diversas temáticas como, por exemplo, as editorias de esporte e política.

Conquistas como estas representam a autonomia de cada mulher, mas ainda há padrões que as rotulam fora e dentro do ambiente de trabalho. Mesmo que prevaleça a ideia das mulheres usarem blazers e os homens paletó e gravata (PEREIRA E NODARI, 2019), atualmente é comum observarmos uma vestimenta menos formal que apresenta mais a personalidade de cada jornalista, mas que continua transmitindo a seriedade e profissionalismo. Segundo Pereira e Nodari (2019), as mudanças nas vestimentas permitiram às mulheres ousarem mais, trazendo mais cores e um pouco de personalidade.

Mesmo com uma flexibilidade nas vestimentas das profissionais, o ambiente de trabalho ainda continua sendo um lugar inseguro. Segundo dados da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI, 2021), 127 jornalistas foram alvo de ataques de gênero em 2021, tendo como principal ataque a agressão verbal com o intuito de humilhar e oprimir. Além de sofrerem violências verbais, as mulheres também são submetidas a agressões psicológicas.

Relacionada a uma imagem de fragilidade e sensibilidade emocional, as mulheres ainda lidam no dia a dia com situações que as fazem duvidar de si mesmas. Segundo De Carvalho, De Andrade e Junqueira (2009), as profissionais são impedidas ou desencorajadas no ambiente de trabalho e na sociedade como todo. Há poucas mulheres em cargos altos como, por exemplo, magistrado, cientista e em cargos políticos (Carvalho, 2000). Decorrente disso, no percurso histórico do telejornalismo brasileiro foi recorrente os questionamentos com relação à conduta profissional, sendo alvo de comentários e piadas machistas.

2.1 O GÊNERO EM QUESTÃO

Segundo De Carvalho, De Andrade e Junqueira (2009), desde o nascimento as mulheres são condicionadas a acreditarem em pensamentos que as colocam como o “sexo” mais frágil ou, ainda, que os homens representam a virilidade e força. Com uma imagem machista construída pela sociedade, as mulheres desde cedo passaram a serem submetidas às atividades do lar e começaram a ter direitos como, por exemplo, votar apenas em 1932 (DE CARVALHO, DE ANDRADE E JUNQUEIRA, 2009). Mesmo diante dos avanços e conquistando os direitos, em 1962 as mulheres ainda precisavam da autorização dos maridos para trabalhar fora.

São exemplos como estes que constituíram a luta feminista que conceberam uma construção social à concepção de gênero, mesmo no contexto em que havia o entendimento binário da questão (homem x mulher). É na década de 1960 que esta noção foi construída por pensadoras feministas, desmontando a ideia biologicista sobre as diferenças entre homens e mulheres. Segundo a antropóloga Piscitelli (2009, p.125), o movimento feminista atuou de forma decisiva na formulação do conceito de gênero:

As feministas utilizaram a ideia de gênero como diferença produzida na cultura, mas uniram a essa noção a preocupação pelas situações de desigualdade vividas pelas mulheres, como aquelas mencionadas acima. Foi, portanto, a partir de uma luta social, que surgiu uma contribuição teórica fundamental para o pensamento social. Nessa elaboração, aspectos presentes na longa história de reivindicações feministas, relativos à dominação masculina, articularam-se a noções teóricas que procuravam mostrar como as distinções entre feminino e masculino são da esfera do social. (PISCITELLI, 2009, p.125)

Diante da diferença biológica entre homens e mulheres, se construiu na sociedade uma divisão social de trabalho. Essa diferença criada, muitas vezes, é utilizada como forma de justificativa para inferiorizar, oprimir e querer a submissão das mulheres em diversas culturas (De Carvalho, De Andrade e Junqueira, 2009). Por prevalecer a valorização social dos homens, o gênero feminino foi privado de alguns direitos como, por exemplo, o acesso à educação.

Na esfera social o gênero feminino e masculino, contribui na construção de novos pensamentos apresentando um caráter cultural, flexível e variável dessa distinção (Piscitelli,2009). Em sociedades como, por exemplo, as indígenas, as atividades como tear é vista como feminina, mas em outras são vistas como masculinas. Isso acontece pelo fato de não existir nada naturalmente feminino ou masculino (Piscitelli,2009).

Após verificarmos esses desafios no âmbito profissional do telejornalismo, as mulheres também estão atravessadas por desafios em decorrência das desigualdades de gênero, a exemplo temos relatório “Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil” da Associação

Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI,2022) referente ao ano de 2022. Foram registrados 145 episódios considerados ataques de gênero ou contra as mulheres jornalistas. Um dos recortes do relatório da pesquisa de 2022, é o perfil das vítimas onde tiveram mais destaques a cor, ocupação e meio que trabalha. A categoria de ocupação se destacou com 90,3%, onde a maioria das vítimas eram repórteres ou analistas do meio de comunicação. A cor foi a segunda categoria que se destacou representando 79,3% e o meio de trabalho onde as vítimas foram mais atacadas foi a televisão (52,4%).

Diante do relatório de 2022 da ABRAJI, analisamos que a cada pesquisa realizada os números referentes a violência de gênero aumentam. Os números reforçam o grande desafio de ser mulher em uma sociedade machista, onde não estamos seguras em nenhum lugar vivendo rodeadas de insegurança e medo. Algo que também assusta é observar que a maioria dos casos são com mulheres que trabalham no telejornalismo, nos trazendo um alerta referente aos desafios e perigos de trabalhar em frente às câmeras. O papel social é fundamental na construção dessa diferença, sendo difundido a partir da década de 1930. A teoria busca compreender as influências do comportamento humano:

A teoria dos papéis sociais busca compreender os fatores que influenciam o comportamento humano. A ideia é que os indivíduos ocupem posições na sociedade, desempenhando papéis, de filho, de estudante, de avô. Como o enredo em uma peça de teatro, as normas e regras sociais determinam quais são os papéis possíveis e como devem ser desempenhados. As "atuações" dependem do enredo e da atuação dos outros atores que interpretam papéis na peça. E, como as improvisações dos atores, as variações nas atuações individuais são limitadas, porque dependem das possibilidades abertas pelo enredo. (PISCITELLI, 2009, p.127).

Atentos ao papel social das mulheres, podemos construir narrativas que contam suas histórias e os desafios de viver em uma sociedade machista. Através do gênero perfil jornalístico (Sodré e Ferrari, 1986), podemos utilizar da construção da narrativa para contarmos a história de um personagem, sempre focando na vida do entrevistado e fazendo um recorte da sua história. Segundo da Silva (2009), na construção do perfil transcrevemos apenas momentos do perfilado trazendo ideias e conceitos que interligam o passado e o presente.

2.2 A ENTREVISTA PERFIL

Desde meados da década de 1950, a entrevista de perfil já tinha destaque em revistas como O Cruzeiro, Realidade e Veja no Brasil (Silva, 2009). Diferente das biografias, o texto da entrevista de perfil é caracterizado por narrativas sintéticas descrevendo trechos da vida do

personagem e focalizando na sua história de vida (Sodré e Ferrari, 1986). Ao escrevermos um perfil jornalístico, fazemos um contraponto de vivências do passado e do presente do entrevistado. Segundo Bosi (1998, p. 20), a história do perfilado é o ponto principal na construção da narrativa de perfil:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se faria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto, de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1998, p.20)

Um dos pontos fundamentais para a construção de um perfil jornalístico, é a entrevista. Segundo Silva (2009), a entrevista enriquece o autor com os dados e potencializa a história do possível perfilado. Na construção do perfil, o jornalista tem papel fundamental exercendo um compromisso social em relatar em todas as fases do texto a essência do entrevistado, pois é a partir da visão do autor que o personagem será retratado (Vilas Boas, 2003).

A entrevista de perfil traz um lado mais humanizado do jornalismo, possibilitando um aprofundamento mais amplo na troca de experiência entre o entrevistador e o entrevistado. pessoas comuns que representam grupos sociais diversos. De acordo com Cremilda Medina (1990, p.18), ao pensarmos em um perfil humanizado damos abertura ao nosso imaginário e a subjetividade, sendo questionável a limitação de questionar apenas perguntas pré-produzidas. Por envolver o autor de tal forma, a escrita do texto de perfil se assemelha à linguagem literária.

Segundo Felipe Pena (2016), o jornalismo literário pode ser definido como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. As narrativas construídas apresentam mais profundidade, permitindo que o autor também faça parte da história e tenha participação ativa. Assim como em outras áreas, contar histórias de personagens comuns é uma das principais intenções do jornalismo literário.

3 METODOLOGIA

A produção do e-book ocorreu entre os meses de abril de 2022 até maio de 2023. A construção da narrativa foi feita a partir de um conjunto de 8 perfis jornalísticos sobre mulheres que atuam ou já atuaram profissionalmente na área do telejornalismo no município de Campina Grande, no estado da Paraíba. O formato e-book foi escolhido para distribuição desse conteúdo nas plataformas digitais.

Com o intuito de apresentar a diversidade de profissionais na área, a escolha das entrevistadas teve como premissa englobar as principais televisões de Campina Grande: TV Paraíba (afiliada Globo), TV Borborema (afiliada do SBT) e Rede Ita (afiliada da Cultura). Com base na diversidade das emissoras trabalhadas, buscamos destacar as funções que as entrevistadas desempenham ou já desempenharam em alguma dessas televisões. Totalizando o número de 8 entrevistadas, contamos com as funções de âncora, repórter, videorepórter, editora e produtora. As histórias escolhidas perpassam por vários momentos importantes e marcantes da história do telejornalismo no Brasil, como a mudança da TV analógica para a TV digital, o enxugamento das redações, o uso de redes sociais para a produção da notícia e interação dos telespectadores, como também pela presença feminina no jornalismo esportivo.

A proposta central da narrativa foi identificar histórias que apontem para o protagonismo da mulher no telejornalismo de Campina Grande, por meio de pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, pois permite coletar relatos verbais e registros imagéticos das personagens que farão parte do material a ser produzido. Segundo Gil (2008), esta técnica permite a visualização geral do assunto, sendo mais utilizada quando o tema escolhido é pouco explorado:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. (GIL, 2008, p.27).

Desse modo, a coleta dos dados foi realizada utilizando as técnicas de pesquisa bibliográfica, dando embasamento teórico na construção narrativa, fazendo uma linha do tempo e o importante caminho percorrido entre elas para ocupar os espaços anteriormente concedidos apenas por homens. Também foi necessária a realização de pesquisa documental que pudesse acessar fotos dos arquivos pessoais das personagens e complementar com suas histórias e constituíram o material gráfico do e-book.

Após a coleta dos dados, houve a realização das entrevistas que ocorreram presencialmente. As entrevistas semiestruturadas serviram para nortear a entrevistada sobre os relatos das personagens que se deseja alcançar no desenvolvimento dos perfis. Ao realizar a coleta do material, foi necessário realizar o processo editorial do ebook com a construção dos textos em formato de perfis jornalísticos, seguido da diagramação e revisão do material.

Estruturado em 8 capítulos, cada perfil traz a história pessoal e a relação da entrevistada com o telejornalismo. Traçando uma ordem cronológica da evolução do

telejornalismo em Campina Grande, iniciamos com a transição da televisão analógica para digital e encerramos com a nova geração do telejornalismo:

Capítulo 1: LUCIELLEN LIMA: A TV DO ANALÓGICO AO DIGITAL

- Formada pela Universidade Estadual da Paraíba em 2007, iniciou a carreira como apresentadora na TV Itararé (atual Rede Ita) ainda em 2007 onde ficou até 2008 e posteriormente atuou como repórter, apresentadora e editora na TV Paraíba de 2009 até 2013 vivenciando a transição da TV Analógica para Digital tendo a temática e a emissora como pesquisa no mestrado de 2013 até 2015.

Capítulo 2: SANDRA PAULA AMORIM: TRANSFORMAÇÕES DIGITAIS

- Entre um dos rostos mais conhecidos do telejornalismo campinense, construiu uma história de mais de 12 anos atuando como apresentadora e repórter na Rede Paraíba de Comunicação vivenciando a nova realidade do TV Digital e a implementação dos aparatos tecnológicos na produção das reportagens da TV Paraíba.

Capítulo 3: WALÉRIA ASSUNÇÃO: 25 ANOS DE HISTÓRIA NO TELEJORNALISMO

- Com 25 anos de carreira, atua como repórter e radialista na Rede Paraíba de Comunicação. Começou a história com o jornalismo ainda na cidade natal dela, Barro, no Ceará, e vivenciou no seu dia a dia profissional a inserção das redes sociais e início dos AO VIVO no telejornalismo.

Capítulo 4: POLLYANE MENDES: TELEJORNALISMO - PAIXÃO DE INFÂNCIA

- Respirando comunicação desde os 8 anos de idade, iniciou a trajetória na televisão antes mesmo da graduação em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo. Na TV Itararé (atual Rede Ita) trabalhou com o jornalismo cultural no programa Diversidade, vivenciou também a experiência em ter um programa próprio, o Trilha Sonora, onde conheceu grandes nomes da música popular brasileira e atualmente trabalha como apresentadora no jornal da noite ITN Notícias.

Capítulo 5: IZABEL RODRIGUES: TELEJORNALISMO ESPORTIVO

- Vinda do sertão paraibano e formada em Rádio e TV pela Universidade Federal da Paraíba, começou a trajetória na comunicação em 2011, através da web rádio do portal Voz na

Torcida, unindo a paixão pela comunicação e o futebol. Em 2019 começou a trabalhar no portal Globo Esporte Paraíba, onde atua como redatora e compõe o time que realiza a cobertura dos campeonatos paraibanos. Além de atuar no portal, também faz parte do time de comentaristas na rádio CBN e se destaca como repórter esportiva na TV Paraíba.

Capítulo 6: SAMARA FERNANDES: A JOVIALIDADE E ROTINA DIGITAL NOS BASTIDORES DO TELEJORNALISMO

- Há 7 anos atuando na área do telejornalismo, iniciou a história profissional ainda como estagiária na TV Borborema e vivenciou a inserção das mídias digitais na redação. Como editora do programa Hora do Povo, atua diretamente na montagem do programa pensando nas reportagens e entradas AO VIVO. Além de acompanhar a construção do programa, tem um contato maior com os telespectadores através do *Whatsapp* e através das redes sociais onde apresenta um pouco dos bastidores da notícia.

Capítulo 7: MICHELE WADJA: COBERTURAS INTERNACIONAIS

- De forma independente e durante a pós-graduação na Espanha em 2005, começou a fazer a cobertura internacional independente durante a copa do mundo na Alemanha em 2006 e foi a pioneira em produções como videorepórter. Durante a graduação, vivenciou a experiência de estágio na TV Mirante em São Luís (afiliada Rede Globo) e TV Asa Branca em Caruaru (afiliada Rede Globo). Além da Copa na Alemanha, fez a cobertura das copas na África do Sul (2010), Brasil (2014), Rússia (2018) e a mais recente foi a última copa no Catar (2022).

Capítulo 8: LÍDICE PEGADO: VÍDEO REPORTAGEM E A NOVA GERAÇÃO DO JORNALISMO

- Formada em 2022 pela Universidade Estadual da Paraíba, iniciou a trajetória profissional como estagiária no jornal impresso Diário da Borborema na editoria de esportes e após uma seleção para a TV Paraíba passou a estagiar na área do telejornalismo. Durante o período de estágio, trabalhou nos bastidores como produtora e editora, após se formar, conseguiu uma vaga de repórter na TV Paraíba e atualmente atua como a primeira videorepórter na emissora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do e-book com a temática representatividade feminina no telejornalismo, tem como intuito destacar a atuação das mulheres nas três principais televisões de Campina Grande e resalta o trabalho jornalístico das entrevistadas. Durante as entrevistas e a idealização do e-book, podemos conhecer a história de mulheres que participaram de momentos importantes como, por exemplo, a transição da TV analógica para digital em Campina Grande e os desafios de vivenciar essas transformações no dia a dia na rotina profissional. Diante da escrita dos perfis, traçamos um recorte biográfico das perfiladas observando e destacando momentos importantes na vida de cada uma.

Durante a apuração jornalística para escolha das entrevistadas, identificamos uma pequena participação de mulheres negras à frente dos telejornais em Campina Grande tendo apenas a entrevistada Samara Fernandes. Com a produção desse e-book, ressaltamos a importante participação das mulheres no telejornalismo, mas também a pequena participação de mulheres negras e trans nos veículos de comunicação em cargos como, por exemplo, âncora de um telejornal. À vista disso, observamos a inserção de mulheres em ambientes anteriormente ocupados por homens cisgênero, mas apenas uma pequena participação de grupos representativos.

No processo das entrevistas, a maioria das perfiladas relataram vivenciar ou terem vivenciado alguma situação relacionada à desigualdade de gênero no ambiente de trabalho. A considerar a violência de gênero e ataques a jornalistas, se faz necessário ter mais produções jornalísticas (artigos, documentários, e-books, livros) abordando essas temáticas e retratando os desafios de ser uma profissional da comunicação. Contudo, é necessário abordar também a ausência das mulheres negras e trans em veículos de comunicação como a televisão e em outras áreas do jornalismo.

Ao longo dos meses de produção do e-book, conhecemos o ambiente de trabalho e em algumas entrevistas a casa das perfiladas. Através do processo de escuta e compartilhamento de suas histórias, podemos construir os perfis detalhando cada entrevistada e fazendo um paralelo sobre as experiências já vivenciadas e a realidade no ambiente de trabalho e fora dele. O processo de diagramação e a identidade visual do e-book, foi idealizado no estilo de colagem tendo como intuito relacionar a concepção estética do produto final à própria construção dos perfis.

Com intuito de publicação futura em parceria com Eduepb, acreditamos na relevância da temática se fazendo necessário trazer o debate para as redações e também para o ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e Gênero e Número. **Mulheres no Jornalismo Brasileiro.** Disponível: <
https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf> Acesso em 10 de março de 2022

Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). **Monitoramento de ataque a jornalistas no Brasil.** Disponível:
https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/4d6cb1b2-ca1a-4d7b-9c7b-1edcea1bb294/ABRAJI_Monitoramento_de_ataques_a_jornalistas_no_Brasil_2022_PT_.pdf. Acesso em 20 de maio de 2023.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativas e temporalidade. in: brittos, valério cruz; bolaño, César ricardo siqueira (org.). rede globo: 40 anos de poder e hegemonia. são paulo: paulus, 2005.

CARVALHO, ANDRADE, MENEZES, Maria Eulina. Fernando César. Cristiane. **Equidade de Gênero e Diversidade Sexual na Escola: Por uma prática pedagógica inclusiva.** Disponível em:
<https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/equidade-de-genero-e-diversidade-sexual-na-escola>

CARVALHO, ANDRADE, MENEZES, Maria Eulina. Fernando César. Cristiane. **Gênero e Diversidade Sexual.** Disponível em:
<https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/genero-e-diversidade-sexual-um-glossario>

DA SILVA, Amanda Tenório Pontes. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro.** Revista Temática: João Pessoa, 2009.

DA SILVA, Amanda Tenório Pontes. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico.** Santa Catarina: Estudos em Jornalismo e Mídia, 2010

DA SILVA, Amanda Tenório Pontes. **O perfil jornalístico como uma leitura do cotidiano.** XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Editoria Atlas S.A., 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Tradução de Susana Alexandrina. São Paulo: Aleph, 2008.

LIMA, Luciellen Souza. **A Travessia do Analógico para o Digital: As Mudanças no Processo de Produção de Notícias na TV Paraíba.** João Pessoa, 2015

MENEGUIM, Giovana Santili. **As Narrativas de Perfil Como Elemento de Construção da Identidade.** 16º congresso nacional de iniciação científica, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1990._____.
 Entrevista: um diálogo possível. São Paulo: Ática, 2002

MELLO, Jacira Novaes. **Telejornalismo no Brasil**: Ponta Grossa, 2009

MIRANDA, RIOS, Igor David Gadelha. José Riverson Araújo Cysne. **Interatividade no Telejornalismo Brasileiro na Era da Convergência: Uma Análise das Principais Emissoras da Televisão Aberta**. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0493-2.pdf>

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-telejornalismo-ameicano-europeu.html>

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**: Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e Biógrafos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

APÊNDICE A – PERGUNTAS BASE PARA ENTREVISTADAS

- Quem é você?
- Como foi sua caminhada na graduação?
- Quando começou sua história com o telejornalismo?
- Inicialmente as produções de matérias nas ruas, exigia uma equipe completa e os recursos eram escassos. Como era a experiência de produzir matéria sem os aparatos tecnológicos da atualidade?
- Estamos imersos na era tecnológica, em que os meios de comunicação estão se adaptando e inovando. Qual a importância de vivenciar a transição da tv analógica para a tv digital e de que modo essa mudança impacta nas produções jornalísticas?
- Com a facilidade dos dispositivos móveis, hoje o jornalista tem a facilidade de produzir matérias sozinho com o celular. Como essa nova realidade está sendo aceita nas redações?
- As redes sociais também se tornaram um ambiente de produção de conteúdo jornalístico, principalmente na pandemia, de forma independente ou de forma coletiva e decorrente disso, há o surgimento dos conteúdos crossmídia e transmídia. De que modo o telejornalismo vem se utilizando dessas ferramentas e como está sendo a adaptação?
- Infelizmente vivemos em uma sociedade extremamente machista, onde a desigualdade de gênero é gritante no ambiente de trabalho e fora dele. Quais desafios você já enfrentou e enfrenta por ser mulher?
- Acredito que você já vivenciou muitas histórias marcantes e conheceu muitos personagens únicos. Qual história mais marcou sua vida profissional?
- É impossível imaginarmos como e onde estaremos daqui a alguns anos, mas sempre planejamos e trabalhamos para atingir nossos objetivos e sonhos. Como você se vê daqui a 10 anos no âmbito pessoal e profissional?